

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

YGOR YURI DE LUNA CAVALCANTE

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA: um
estudo pós-pandêmico sobre os desafios decorrentes da Covid-19**

João Pessoa-PB

2023

YGOR YURI DE LUNA CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA: um
estudo pós-pandêmico sobre os desafios decorrentes da Covid-19

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado a Universidade Federal da
Paraíba, como parte das exigências para a
obtenção do título de Graduação em
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor Ms. Luciano de
Sousa Silva

João Pessoa-PB
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

C376e Cavalcante, Ygor Yuri de Luna.
Educação de Jovens e Adultos em uma escola
quilombola: um estudo pós-pandêmico sobre os desafios
decorrentes da Covid-19 / Ygor Yuri de Luna Cavalcante.
- João Pessoa, 2023.
39 f. : il.

Orientação: Luciano de Sousa Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Escola
quilombola. 3. Covid-19. I. Silva, Luciano de Sousa.
II. Título.

UFPB/CE

CDU 374.7(043.2)

YGOR YURI DE LUNA CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA: um estudo pós-pandêmico sobre os desafios decorrentes da Covid-19

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

7. meses, 10 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luciano de Sousa Filho
UFPB-CE-DME

Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca
UFPB-CE-DHP

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto
UFPB-CE-DME

Dedico àqueles que tiveram o amor pela educação interrompido por esse mal, dedico àqueles que estão seguindo adiante com tanto a se fazer pela educação em nossa sociedade!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Pai Celestial, a nossa Pachamama, que nos deu a vida e este planeta lindo!

Agradeço a minha família que me ensinou a chegar aonde cheguei!

Agradeço a jimjomjim (MAPA ou Maria Aparecida), pelo laço de amor, gentileza e gratidão!

Agradeço aos amigos e amigas (Paulo Henrique, Anna Paula, Romero) que mostraram caminhos possíveis!

Agradeço a professora Jandira, a Joelma, a Jenifer, a todos os professores e professoras e estudantes da Escola Quilombola de Paratibe, pelo acolhimento, atenção, paciência!

Agradeço a Joseane Santos, minha amiga e liderança quilombola

Agradeço a turma 2016.2 do curso de Pedagogia, pessoas maravilhosas que marcaram minha vida

Agradeço ao meu orientador, professor Luciano, pela disponibilidade, pela atenção, pela seriedade, viver é preciso!

Agradeço aos professores Fábio N. Fonseca e José Vaz M. Neto, por aceitar ao convite e compartilhar seus conhecimentos conosco!

RESUMO:

Este estudo propõe discutir as sequelas deixadas pela pandemia da Covid-19 na dinâmica dos sujeitos que compreendem o universo dos sujeitos pesquisados da EJA (professores e estudantes) em uma escola quilombola no período pós pandemia no ano de 2023 e como esses sujeitos pesquisados estão construindo uma agenda escola para superar os novos desafios, para isso temos como objetivo central discutir as sequelas deixadas com o fim da emergência sanitária pela Sarv Cov2 na dinâmica dos professores da EJA em uma escola quilombola. Essa discussão se alicerça em duas situações que se interligam, a primeira situação constitui a pesquisa bibliográfica e a segunda situação é o campo na escola se fez com registros fotográficos do ambiente escolar e do cotidiano dos sujeitos pesquisados, a aplicação de questionário semi-estruturado direcionado aos professores. Convidamos autores que acreditamos contribuir para essa discussão, seja a partir de conceitos importantes como Paulo Freire (1996) com o conceito de ‘oprimido’ ou mesmo Mbembe (2018) com o conceito de ‘necropolítica’, seja a partir de estudos recentes acerca do tema como Silva (2023) e Nóvoa (2021). Esses autores balizaram nosso campo de pesquisa que contribuíram para nossos resultados preliminares, para isso iniciamos conversas informais com alguns estudantes e professores que relataram que sentiam falta das aulas presenciais, da sala de aula e de interagir com outras pessoas, mas também relataram que retornaram com agravos de saúde física ou mental, saudades de pessoas que faleceram durante a pandemia, seja por Covid-19 e/ou suas complicações ou por outro problema, pois não tiveram como se despedir de pessoas queridas. Quando aplicado o questionário, as respostas coletadas partem do tempo que leciona na escola, na EJA, o contato com a educação quilombola, como foi a experiência na época da Covid-19 e os novos desafios com as aulas remotas a partir da realidade quilombola que a escola pertence.

Palavras-chave: EJA; Escola quilombola; Covid-19

ABSTRACT:

This study proposes to discuss the consequences left by the Covid-19 pandemic in the dynamics of the subjects that comprise the universe of EJA researched subjects (teachers and students) in a quilombola school in the post-pandemic period in the year 2023 and how these researched subjects are building a school agenda to overcome new challenges, for this our central objective is to discuss the consequences left with the end of the health emergency by Sarv Cov2 in the dynamics of EJA teachers in a quilombola school. This discussion is based on two situations that are interconnected, the first situation constitutes bibliographical research and the second situation is the field at school, using photographic records of the school environment and the daily lives of the subjects researched, the application of a semi-structured questionnaire directed to teachers. We invite authors who we believe contribute to this discussion, whether based on important concepts such as Paulo Freire (1996) with the concept of 'oppressed' or even Mbembe (2018) with the concept of 'necropolitics', or from recent studies on the themes such as Silva (2023) and Nóvoa (2021). These authors defined our research field and contributed to our preliminary results. For this reason, we started informal conversations with some students and teachers who reported that they missed face-to-face classes, the classroom and interacting with other people, but also reported that they returned with physical or mental health problems, missing people who died during the pandemic, whether for e to Covid-19 and/or its complications or another problem, as they were unable to say goodbye to loved ones. When applying the questionnaire, the answers collected come from the time he taught at school, at EJA, the contact with quilombola education, what the experience was like during the Covid-19 era and the new challenges with remote classes based on the quilombola reality that the school belongs.

Keywords: EJA, quilombola school, Covid-19

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1) Gráfico de mortes no mundo destacando o Brasil.....	20
Figura 2) Gráfico dos países com mais mortes por Covid-19.....	20
Figura 3) Números atualizados de casos de Covid-19 no Brasil.....	20
Foto 1) Panorama da frente da escola.....	26
Foto 2) Panorama do busto da professora Antônia Socorro da Silva Machado, primeira professora, diretora quilombola de Paratibe e proprietária do terreno doado à prefeitura municipal de João Pessoa e nome da escola atualmente.....	26
Foto 3) Panorama do hall da escola que dá acesso as salas de aulas.....	26
Foto 4) Mural no interior da escola homenageando a primeira diretora e professora quilombola de Paratibe.....	27
Foto 5) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil.....	27
Foto 6) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil.....	27
Foto 7) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil.....	28
Foto 8) Cartaz de orientação para a prevenção de evitar contaminação pela Covid-19 ao lado do banheiro masculino.....	28
Foto 9) Suporte de álcool em gel no hall de entrada a fim que todos que adentrem no interior da escola façam uso da assepsia nas mãos.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Conselho de Educação Básica.....	17
CF – Constituição Federal.....	16
CNE – Conselho Nacional de Educação.....	14
CP – Conselho Pleno.....	14
DCNEEQ – Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Quilombola.....	17
DCEEJA – Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação de Jovens e Adultos.....	17
EJA - Educação de Jovens e Adultos.....	09
EQMEFASSM – Escola Quilombola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado.....	25
GM – Gabinete de Ministro	14
LDB – Lei de Diretrizes e Base.....	14
MS – Ministério da Saúde.....	14
OMS - Organização Mundial da Saúde.....	11
RSI – Regulamento Sanitário Internacional.....	14
SEA – Serviço de Educação de Adulto.....	16

Sumário

1 Primeiras palavras problematizadoras:	9
2 Percurso metodológico:	13
3 UMA DISCUSSÃO DA EJA EM ESCOLA QUILOMBOLA NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19	16
3.1 A EJA diante da realidade escolar pós-pandemia em escola quilombola: uma discussão teórica da trajetória pedagógica:	16
3.2 A EQMEFASSM: Um retrato atual das condições encontrada dos estudantes da EJA:	24
3.3 O reencontro de antigas precariedades com os novos tempos de ressignificação das novas demandas do retorno presencial das aulas:	30
4 Algumas considerações a serem tratadas:	34
Referência bibliografia:	36
Apêndice	39

1 Primeiras palavras problematizadoras:

Quem diria que o mundo atravessaria, e que ainda está atravessando, por um processo de transformação global em todos os aspectos da sociedade humana. Em 2020, algo mudou para o corrente ano? O mundo mudou? As pessoas mudaram? O que mudou? Sabemos que algo tão minúsculo e vivo alterou radicalmente as vidas das pessoas, na maioria das vezes, para sempre. A pandemia da Covid-19 não parou essa sociedade capitalista, mas alterou o sentido de viver nela? Alterou a sua lógica perversa? Sabemos que de alguma forma ainda estamos buscando entender o que houve e as suas sequelas. Nada estava programado para acontecer da forma como se deu, ou estava? Mas a sociedade estava pronta, mesmo de forma precária, mas estava. Mesmo com o retorno gradual das atividades econômicas, sociais, financeiras, culturais, educacionais, a partir de dezembro de 2021, enfim, de todas as atividades, não retornou como antes, algo mudou, na verdade tudo mudou.

Aqui no Brasil, diante do atual cenário de mudanças estruturais em nossa sociedade brasileira acerca dos novos desafios sanitários, é que pretendemos discutir no contexto pós-crise pandêmico, visando o âmbito da educação de jovens e adultos em um ambiente escolar quilombola partir de um estudo de caso na Comunidade Negra Paratibe, localizado na zona sul da cidade de João Pessoa, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia Socorro, que possui a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ciclo I e II é que esse estudo ocorre. Já o nosso recorte temporal focamos o momento da pós-pandemia pela Covid-19, em especial, com o fim da emergência sanitária.

O fato da pesquisa ocorrer nessa escola se dá por causa de ser uma escola referência de pesquisas acerca sobre educação já algum tempo, bem como também haver uma ligação com a própria história da comunidade¹.

Acreditamos que urge para este momento de fim da emergência em saúde pública tanto pelo Governo Federal em 2022 como por órgãos internacionais já neste ano, bem como com o retorno das aulas presenciais, discutir a dinâmica da Educação de Jovens e Adultos diante das sequelas deixadas pela Covid-19.

¹ Essa história tem início com a pesquisa de graduação em Geográfica pela UFPB acerca do território quilombola em 2007, continuando com o mestrado em Geografia pelo PPGG da UFPB ao pesquisar as contribuições do ensino de geografia na educação escolar quilombola em 2013.

Este estudo propõe contribuir de maneira mais próxima do cotidiano dos professores e estudantes da EJA neste ano de 2023 em ambientes escolares de público quilombola, apresentar de maneira mais fiel a realidade existente desses estudantes quanto as sequelas deixadas pela crise da pandemia. É neste ano de 2023 que o cenário de vulnerabilidade desses professores e estudantes nos inquieta sobre como refletem suas demandas, suas realidades, suas precariedades, seus desafios. Com isso temos uma problemática, que é discutir as consequências que a pandemia pela Covid-19 sequelou professores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos em uma escola quilombola e como esses sujeitos pesquisados estão criando uma agenda pedagógica de superar os novos desafios com o retorno das aulas presenciais?

A partir dessas demandas buscamos problematizar uma reflexão, ainda que incipiente, acerca desse novo momento das demandas que a sociedade em geral e em especial professores da EJA de uma escola quilombolas. Para tanto, nosso foco central tem como objetivo discutir as sequelas deixadas com o fim da emergência sanitária pela Sarv Cov2 na dinâmica dos professores da EJA em uma escola quilombola. Já as suas especificações pautados três problematizações que são refletir o atual contexto em que professores da EJA na escola quilombola se encontram no cenário pós-pandêmico; apresentar a realidade da escola quilombola e seus novos desafios e conquistas no retorno das aulas presenciais; discutir como esses profissionais da educação da EJA estão se reorganizando diante das novas mudanças causadas deixadas pelos impactos da pandemia.

Nesse sentido, compreendemos que o campo dos estudos da pedagogia potencializa contribuições significativas nessa área específica, justificando desse modo a sua participação ímpar em tencionar os problemas e buscar caminhos possíveis acerca do tema, que é o impacto causado pela pandemia aos professores da EJA em escolas quilombolas e como superar as sequelas deixadas. Compreendemos também que essas contribuições se constrói junto com esses sujeitos pesquisados, o que permite uma maior visibilidade das condições vilipendiosas dos sofrimentos de familiares e das sequelas deixadas pela Covid-19. Percebemos também que diversos estudos pedagógicos até o ano 2022 acerca dos impactos da Covid-19 sobre a educação quilombola e suas comunidades tradicionais e sobre a EJA, vêm apontar uma nova ramificação de investigação que a pedagogia pode e deve chamar para si o mote dos debates acerca de pesquisa escolares em comunidades tradicionais durante e após a emergência sanitária da pandemia que tem início este ano.

Ao focar como marco histórico o fim da sua emergência sanitária nacional e intenacional, embora as variantes da Sars-Covid-19 ainda estão circulando, mas não deixando de considerar todo o percurso sanitário da Covid-19, pesquisas a partir das contribuições pedagógicas nas novas prioridades escolares, o que implica em fazer releitura do posicionamento dessas contribuições, uma vez considerando a dinâmica, as demandas o ritmo de mudança, uma nova leitura de mundo, de sociedade, de prioridades, de existência, de educação.

Por se tratar de um estudo ainda incipiente, não apenas por causa da nova fase em que estamos, mas, sobretudo, por causa de elementos já deste ano de 2023 como o fim da emergência sanitária declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), requer uma pesquisa de campo focado nesta fase, pois o referencial teórico que trata da nova fase pós- crise pandêmica na realidade da EJA em escola quilombola ainda se encontra escassa.

É nesse contexto de precariedade social, étnico-racial e sanitário, que percebemos a necessidade de basilar essa discussão amparada em autores e conceitos considerados nevrálgicos para a compreensão desse estudo incipiente, portanto, trazemos para nos apoiar a compreensão do oprimido, de Paulo Freire (2011), de necropolítica, de Achille Mbembe² (2018), os estudos de Deluncas (2021), Jorge (2002), Scherer (2023), Silva (2023).

Esta pesquisa se divide em três capítulos que se conectam entre si, após a apresentação dos procedimentos metodológicos, é apresentado o primeiro capítulo se refere a uma reflexão teórica dos atores escolares envolvidos na pesquisa, em que se busca dialogar com autores que tratam do tema, realizando uma reflexão sobre não apenas o

² Achille Mbembe (2018) é nascido em Camarões, professor de História e Ciências Políticas, pela Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, e na Duke University, nos Estados Unidos. Ele é o autor do conceito de ‘necropolítica’, em seu livro ‘Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte’. Apresentamos esse autor e sua obra nesta nota de rodapé pelo fato de mesmo não ser um cientista da educação e nem tratar diretamente da educação, mas organiza com mais clareza nosso objeto de discussão, pois sua obra literária deixa espaço para ampliar e aprofundar uma leitura da conjuntura em que atravessamos nos últimos anos por parte de um governo negacionista que adotou uma política de morte em base ideológica. Nas palavras dele esse conceito procura contextualizar uma política do Estado contemporâneo de escolher quem vai viver ou morrer de acordo com suas demandas, necessidades, posicionamentos ideológicos, de maneira que “subjugam vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício terror. Tentei demonstrar que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta das formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte Além disso, propus noção de necropolítica de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, [...] formas únicas novas de existência social nas quais vastas populações são submetidas condições de vida que lhes conferem estatuto de “mortos-vivos” (p. 71)”. Entendemos que esse conceito reflete de maneira fiel a política nacional dos últimos anos diante da pandemia pela Covid-19, acarretando mortes, sequelas da doença, sequelas do modo de vida em que professores e estudantes da EJA estavam submetidos.

retorno das aulas, a legislação, os marcos legais de proteção, visibilidade, garantias e acessos, dos direitos para com esses estudantes e professores. O segundo capítulo busca apresentar a escola pesquisada, realizando um panorama geral, as percepções observadas, a dinâmica da EJA, e, finalmente, no terceiro capítulo pretendemos discutir os novos paradigmas apresentados a partir da coleta de dados das entrevistas com os professores, apresentar os resultados e discuti-los, realizando o diálogo com os autores trabalhados anteriormente e realizando uma leitura de mundo sobre o que se espera para o futuro da EJA em escola quilombola.

Buscamos nesses três momentos, a partir de um estudo de caso na modalidade EJA em uma escola quilombola, apresentar, refletir, compreender parte da realidade que se apresenta ao iniciar uma discussão que provoque a necessidade de aprofundar, ampliar, questionar e/ou responder, demandas recentes já deste ano.

2 Percurso metodológico:

Nos propomos realizar na presente pesquisa um estudo de caso desenvolvido em uma escola quilombola a partir da modalidade de EJA, focado no fim da emergência sanitária nacional (2022) e internacional (2023) no qual metodologicamente a pesquisa assume características de uma investigação pedagógica voltada para os profissionais da educação inseridos no contexto mencionado, no qual buscamos nos balizar a partir de uma configuração de estudo qualitativo, já que “focalizou a realidade, de forma complexa e contextualizada, cujo desenvolvimento foi aberto e flexível” (DELUCAS, 2021, p. 92).

É por meio dessa perspectiva que essa discussão se dá mediante estudo de caso, Ludke e Andre (2012, p.17) nos chama a atenção para enuncia-lo ao afirmar que:

O estudo de caso é o estudo de um caso, [...] como o das classes de alfabetização ou de ensino noturno. [...] O interessante, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, [...]. Quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesma, devemos escolher um estudo de caso.

E é nessa condição singular da realidade com potencial na educação com seus valores intrínsecos que entendemos a necessidade de recorrer a esse tipo de abordagem de pesquisa, pois nos fornece os elementos únicos e necessários para suprimir nossos questionamentos e chegar aos nossos objetivos.

Ludke e Andre (2012, p.18) também aponta para outro aspecto importante que é o de se configurar como qualitativo ao afirmar que “em educação, muitos estudos de caso são qualitativos e muitos não são”, pois “se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos”. No desenvolvimento do estudo de caso, são divididos na parte exploratória, depois a delimitação do campo de pesquisa, e por último, a análise dos dados a seres colocados no relatório, nesse processo são feitas as descobertas, a interpretar do contexto, a retratação da realidade estudada da maneira mais profunda, da variedade de fontes e informações, da representação de diferentes e seus conflitos com variadas formas de linguagens.

É nesse pesquisar que percebemos a necessidade de constatar, de anunciar o novo, com isso lembramos de Freire (1996, p.16) ao refletir em primeira pessoa nossa caminhada metodológica quando comenta que “Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não

conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Embora o autor trate aqui em primeira pessoa, mas mesmo assim esse anunciado nos revela uma inquirição coletiva ao longo deste estudo. Nessa atividade pesquisadora, é crível os desafios, os dilemas, as tensões, as lutas constantes pela sobrevivência, é diante desse cenário que procuramos corresponder as relevâncias científicas e social de uma pesquisa, é nessa busca que lembramos Freire (2013) quando atenta para uma busca incessante a fim de nos completar “Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente” (FREIRE, 2013, p. 74).

Para tanto, nossa discussão alicerçamos em duas situações que se interligam, um levantamento teórico acerca do tema e uma pesquisa de campo. A primeira situação constitui a pesquisa bibliográfica, ela “é feita com base em textos” (MARCONI E LAKATOS, 2017, p. 54), partimos então de um constante de uma busca por artigos científicos, pesquisas científicas, livros, estas fontes apresentadas ao longo dos capítulos, os sites oficiais do governo e de entidades internacionais também apresentados durante todo esse texto, e os documentos oficiais como a Constituição de 1988, a Lei de Diretrizes e Base de 1996 (LDB), a Portaria GM/MS N° 913, de 22 de abril de 2022, a Resolução CNE/CP N° 2, de 5 de agosto de 2021, a Declaração sobre a décima quinta reunião do Comitê de Emergência do RSI, o Decreto N° 41.010, de 07 de fevereiro de 2020, a fim de cimentar e balizar a pesquisa de campo na escola.

Com a intenção de conhecer a dinâmica das práticas educativas, a pesquisa de campo se deu por meio de um estudo de caso ocorreu nos meses de setembro a novembro, um contato direto com os sujeitos pesquisados que possibilitou compreender melhor a dinâmica da EJA. A pesquisa de campo para Marconi e Lakatos (2017,) tem como objetivo

[...] conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, ou sobre uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relações entre eles. Ela consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los (p. 203-204).

O campo na escola se fez com registros fotográficos do ambiente escolar e do cotidiano dos sujeitos pesquisados, também acompanhamos a rotina escolar com suas agendas curriculares, diálogo com professores e estudantes. Quanto as entrevistas,

adotamos semi-estruturadas, pois o roteiro procura nortear nossos objetivos, atentando para a complexidade da realidade. Fizemos uso do Google Forms modelo Avaliação em Educação (como consta no apêndice) e disponibilizamos para todos os professores através do grupo de whatsapp da EJA.

3 UMA DISCUSSÃO DA EJA EM ESCOLA QUILOMBOLA NO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

3.1 A EJA diante da realidade escolar pós-pandemia em escola quilombola: uma discussão teórica da trajetória pedagógica:

O percurso da EJA é marcado por ações descontinuas, que desqualificam a escolarização e inviabilidades de políticas públicas, precarização essa escancarada com a Covid-19 que transformou significativamente, mesmo com o retorno presencial das aulas e o fim da emergência sanitária, mudanças estruturais na sobrevivência e em seu sentido da vida, em toda a sociedade. Esse argumento fica mais evidente na escrita de Almeida e Sousa (2022) ao afirmar que:

Desde 2016, muitas reformas têm exaltado a desvalorização e invisibilidade da modalidade EJA. Dentre essas reformas, temos: os cortes nos recursos destinados ao Programa Brasil Alfabetizado; a extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI); reformas do Ensino Médio e oferta da EJA de forma exclusiva por meio da EaD. Por conseguinte, temos a redução nas matrículas e o fechamento de turmas em grandes proporções em todos os estados brasileiros. (p.52)

Para tanto, a EJA possui uma trajetória histórica e política conflituosa, de interrupção, Saviani (2023) nos mostra que essa modalidade de educação tem como origem como direito civil, individual e político que se confunde entre o que foi proclamado (para todos) e o que é real (acessar e permanecer).

Para Scherer et al (2023) a EJA dá seus primeiros passos na década de 1940 com a industrialização daquela época, quando em 1947 foi instituído o Serviço de Educação de Adultos (SEA), com o intuito de acabar com o analfabetismo, entretanto, os tensionamentos sociais se perpetuavam, ganhando destaque para uma educação de caráter social e cultural baseada nas ideias de Paulo Freire, a chamada educação popular, que só se concretiza com a Constituição Federal (CF) de 1988 quando a EJA assume o caráter de direito garantido e na Lei de Diretrizes e Base (LDB) de 1996 como direito à continuidade os estudos aqueles que não conseguiram terminar a educação básica em idade regular.

A Educação de Jovens e Adultos, amparada nos artigos 205, 208 da Constituição Federal de 1988, na seção V nos artigos 37 e 38 da Lei de Diretrizes e Base da Educação

Nacional de 1996, e no Parecer CNE/CEB nº 11/2000, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCNEJA), regula e formaliza essa modalidade de educação nacional, que sustenta três funções que são reparadora, equalizadora e qualificadora, nas palavras de Marquez e Godoy (2020), essas funções

“apresenta-se como um lampejar de políticas mais assertivas para a EJA” (p. 36), resultado de um longo processo durante o século XX de busca por visibilidade e reconhecimento enquanto sujeitos de direitos.

Com isso a EJA dialoga diretamente com a educação quilombola, elemento esse que também se faz presente nesta pesquisa, ambas de maneira *sine-qua non*. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola de 2012 (DCNEEQ),

Na Educação Escolar Quilombola, a EJA deve atender às realidades socioculturais e aos interesses das comunidades quilombolas, vinculando-se a seus projetos de vida. A proposta pedagógica da EJA deverá ser contextualizada de acordo com as questões históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas das comunidades quilombolas. Cabe aqui um alerta: a oferta de EJA no Ensino Fundamental não deve substituir a oferta regular dessa etapa da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola, independentemente da idade. As propostas educativas de EJA na Educação Escolar Quilombola deverão ser realizadas numa perspectiva de formação ampla, favorecendo também o desenvolvimento de uma Educação Profissional que possibilite aos jovens, aos adultos e aos idosos quilombolas atuarem nas atividades socioeconômicas e culturais de suas comunidades com vistas ao fortalecimento do protagonismo quilombola e da sustentabilidade de seus territórios (p.32).

É diante desse objetivo em atender as demandas específicas desse grupo étnico, que os professores trabalham em sala de aula questões que tratam da formação identitária quilombola de maneira ampla, que após o retorno das aulas presenciais e com o fim da emergência sanitária se tornou algo de importância impar trabalhar junto aos estudantes o empoderamento das comunidades quilombolas depois da pandemia. Para isso salientamos que “A proposta curricular da Educação Escolar Quilombola incorporará, portanto, conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas em articulação com o conhecimento escolar, sem hierarquização” (DCNEEQ, 2012, p.42), na qual é trabalhado esses conhecimentos específicos dentro da modalidade de EJA, podendo ser

ministrados tanto em escola quilombolas, como em escolas que atendes estudantes quilombolas, sendo este último a escola em questão.

A realidade da EJA em escola quilombola durante e pós-pandemia permitiu fortalecer como nunca visto uma leitura de *Pedagogia do Oprimido* (2013) de Paulo Freire, pois tornou de maneira transparente a precariedade e as limitações tecnológicas e sociais de professores e estudantes de maneira de causar perplexidade. A busca pelo conhecimento e pela tomada de consciência, elementos basilares contra as condições precárias pré-existentes e as condições atualmente intensificadas nos últimos anos como letais diante de um cenário político nacional contrário a ciência e as minorias sociais.

A EJA seguiu de forma remota, com precariedades e desafios tecnológicos e sociais, e com a intensificação em planejar e ministrar aulas que ocasionou sequelas ainda desconhecidas, com valores modificados e condições de saúde apresentando um quadro clínico com doenças. O professor que convive com esse estudante, que é visibilizado enquanto oprimido, que nossa discussão se desenvolve, nos faz questionar que “Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão?” (FREIRE, p. 30), para a partir desse contexto construir metodologias pedagógicas que foquem em sua reinvenção, em sua resistência, reflexão essa que traduz algo diretamente com o que encontramos, sujeitos esses que vivenciaram um esgotamento nunca visto e que devida a essa condição estrutural, fez com que também se tornassem sujeitos de objetivos necropolíticos de negação de humanização e dignidade de suas existências.

Saber pensar nesse oprimido como resultado de desumanização devido ao momento da pandemia da Covid-19, é pensar em violência e morte, nesse direcionamento entendemos a leitura crítica de Freire (2013) como algo atual é reafirmado quando expõe que “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão (p.41)”, além disso buscamos problematizar essa condição quando entendemos que a realidade da EJA em todo o processo pandêmico, do início ao fim de sua emergência sanitária, é de “Matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são o próprio dos opressores (p.128)”.

Entretanto também temos que saber pensar essa condição dos sujeitos da EJA em escola quilombola a partir de sua resistência apresentada na escola, já aqui entendemos que a ideia de resistência se faz por meio da “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres

inconclusos e conscientes de sua inconclusão (p.28)”, e mais ainda que essa busca pela humanização transita “Lutando pela restauração de sua humanidade estarão, sejam homens ou povos, tentando a restauração da generosidade verdadeira (p.30)”, de maneira ser o contraponto do processo necropolítico dos últimos anos.

A EJA, pensando no contexto desta pesquisa que versa sobre os dilemas causados pela pandemia-da Covid-19, se apresenta não apenas como modalidade de ensino, mas também como um elo para se reconectar com as novas demandas que a sociedade pós-pandemia exige.

É em meio a esse contexto de estudo que os sujeitos pesquisados (professor e estudantes) vivem suas realidades, educacionais, e é nesse contexto que podemos entender que essa condição está inscrita em uma condição também, assim como toda a sociedade brasileira, de uma realidade permeada de letalidade, esse professor, esse estudante do mundo da EJA em um ambiente escolar quilombola, passa por uma nova e mortal condição, a da necropolítica, a partir de dados oficiais que mostram como o Brasil vivenciou esse cenário conjuntural da época que tinha no negacionismo da ciência e na desassistência das minorias sociais, símbolo de sua política de governo, até mesmo vetando em grande parte da Lei 14.021 de julho de 2020, artigos sensíveis de amparo e proteção às populações quilombolas e indígenas.

Esses sujeitos inscritos nessa condição de letalidade proveniente de uma política de governo federal, resultou se não em mortes, sequelas provenientes tanto da doença quanto do momento de intensificação de isolamento social. Abaixo segue alguns dados das Figuras 1 e 2 que exemplificam bem essa realidade de letalidade no Brasil comparado ao mundo, de maneira que nosso país era um dos países que mais tinha casos de Covid19 e mortalidade durante os anos de 2020, 2021 e parte de 2022. Já a Figura 3 mostra os números atuais de contaminação de Covid-19 no Brasil, procuramos mostrar que mesmo com o fim da emergência sanitária da pandemia, mas ainda corremos o risco de um retorno, pois como já foi destacado anteriormente, há ainda contaminação e mortes por esse vírus.

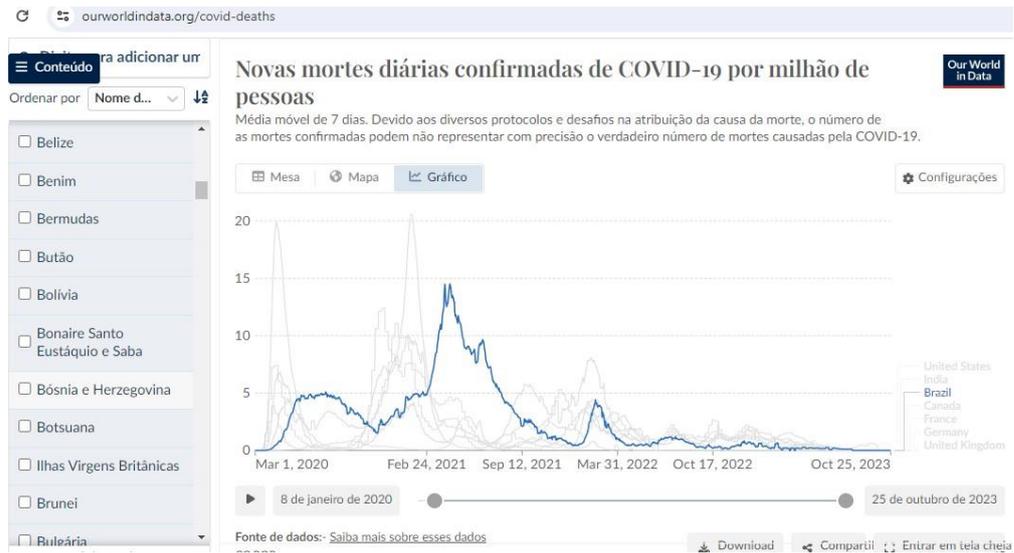


Figura 1) Gráfico de mortes no mundo destacando o Brasil. Fonte: <https://ourworldindata.org/covid-deaths>. Acesso em 28/10/2023.

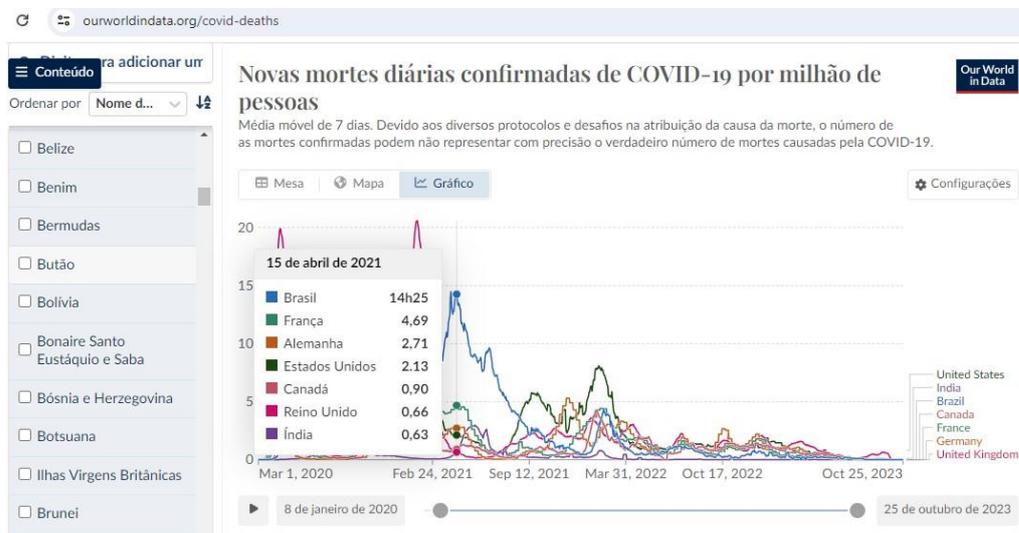


Figura 2) Gráfico dos países com mais mortes por Covid-19 Fonte: <https://ourworldindata.org/covid-deaths>. Acesso em 28/10/2023.

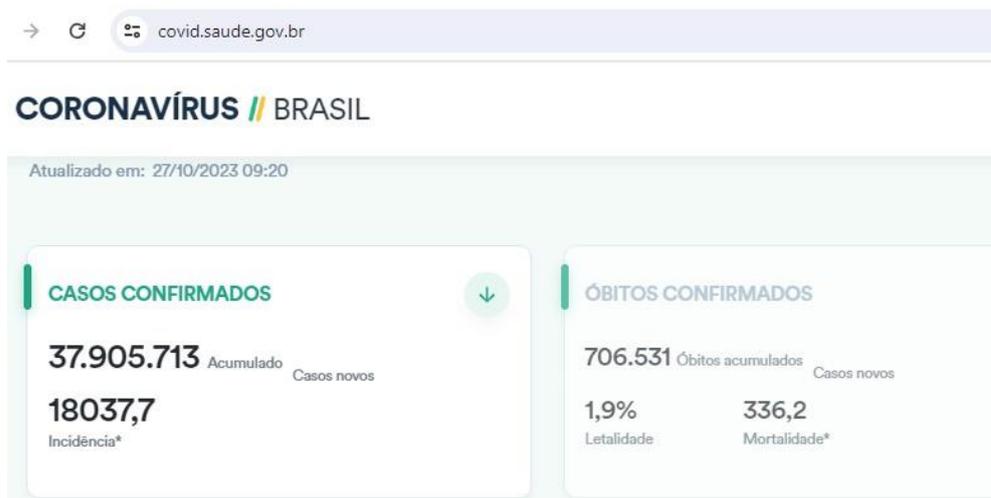


Figura 3) Números atualizados de casos de Covid-19 no Brasil. Fonte: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28/10/2023.

O Brasil é um país que possui cerca de 3% da população mundial, na época do pico foram cerca de 10% de infectados e mais de 12% de óbitos totais em todo o mundo, causando impactos estruturais incalculáveis na dinâmica de vida de toda uma sociedade, o que aponta assim para a necessidade de uma leitura mais crítica sobre essa condição de letalidade, para isso nos amparamos em Mbembe (2018), que faz uma explanação propícia para o contexto em que o país atravessou ao discutir a ideia de necropolítica, aqui:

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder na capacidade de ditar quem pode viver quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano exerce controle sobre mortalidade definir vida como implantação manifestação de poder (p. 05).

Mesmo após a crise pandêmica, mesmo com a ampla vacinação e todos os cuidados sanitários para evitar a contaminação no meio escolar, mesmo com o fim da emergência sanitária da Sars-Cov2 pelo Governo Federal em abril de 2022 e pela OMS em maio deste ano, mas mesmo assim o vírus da Covid-19 ainda está circulando, embora com uma letalidade menor, mas a depender de suas variantes isso pode mudar, pois ainda possui um potencial de propagação e mutação desconhecidas pela ciência e que esse potencial permanece a ceifar vidas e deixar sequelas, algumas delas irreversíveis no tocante ao panorama da saúde (física e mental), causando mudanças que ainda não sabemos bem até que ponto na vida das pessoas.

É em meio a esse contexto que esta pesquisa se desenvolve, focando a realidade da dinâmica das aulas presenciais depois que foi aprovado o fim da emergência sanitária e próximo a datas simbólicas que representam uma importante luta da população afrobrasileira e pela memória quilombola como é o mês de novembro.

Para Jorge (2022, p. 48), atualmente essa dinâmica da EJA “tem caminhando no tratamento da educação enquanto ato político, reconhecendo a significância da leitura de mundo e leitura da palavra” e seu investimento, segundo a Cenpec (2023) para o ano de 2022 foi empenhado em mais de R\$ 38 milhões, o que representa apenas 3% referente ao ano de 2012.

Entre o retorno das aulas presenciais e o fim da emergência sanitária pandêmica, ficou mais evidente as condições precárias de fraturas sociais já existentes, em especial

por conta da evasão, e as sequelas deixadas (problemas de saúde, visão de mundo) entre os sujeitos pesquisados (professores e estudantes) por conta de uma política neoliberal de desmonte dos serviços públicos, tendo como efeito o desmonte dos serviços de educação pública, o que acarreta em precarizar mais ainda o estudante trabalhador subempregado, ou desempregado, que faz parte da EJA.

Nóvoa e Alvim (2021, p.3) vão além ao afirmar que “não é possível pensar a educação e os professores sem uma referência às tecnologias e à “virtualidade”. Vivemos conexões sem limites, num mundo marcado por fraturas e divisões digitais”. A EJA foi marcada por essa condição que os autores nos trazem, mas essa modalidade de ensino apresentou essas fraturas digitais a partir de suas fraturas sociais, pois não veio a surtir o efeito esperado de diminuir as desigualdades digitais, mas apenas de deixar mais contundente essa desigualdade. Esses mesmos autores tencionam ainda com a problematização de ilusões da educação ao questionar quando se tem a ilusão de que a educação é onipresente e acontece permanentemente, bem como a ilusão de que a estrutura física da escola, será substituído pela educação à distância, e por fim, “a ilusão de que a pedagogia, como conhecimento especializado dos professores, será substituída pelas tecnologias (p.4)”.

Silva (2023) também vai ao encontro destes autores, realizando uma leitura precisa da condição brasileira sobre o período pandêmico e pós-pandêmico, de maneira a destacar os gargalos enfrentados pelos professores como “falta de preparo para o uso da tecnologia nas aulas online; sobrecarga de trabalho com o planejamento e preparo de atividades; redução do bem-estar a partir da criação de redes de apoio” e pelos estudantes como “falta de interação no ensino remoto, seja com os professores[...]; falta de engajamento, socialização e acompanhamento significativo por parte dos professores[...]. problemas relacionados a inclusão e acesso à tecnologia na comunidade educacional (p.15-16)”. Essas precariedades intensificaram problemas já existentes sobre questões sociais, de saúde mental, de trabalho, de família, ambientais.

É no retorno das aulas presenciais e com o fim da emergência sanitária que o acúmulo desses problemas que ficaram tensionados começam a se apresentar de forma ainda sem saber os limites dos prejuízos ocasionados na dinâmica desses sujeitos. Silva (2023) continua apresentando esses desafios como

“[...]a busca ativa pelos estudantes e desenvolvimento de estratégias para permanência nas escolas; estratégias de promoção à inclusão

digital e democratização do acesso à internet e recursos tecnológicos, com incentivos já criados e que devem permanecer, e até mesmo ser ampliados; desenvolvimento de estratégias para combater o déficit de aprendizagem, pandemia na saúde mental/psicológica de estudantes, professores e todos os envolvidos na área educacional (p. 23).

Essa transição de aulas nos últimos anos da EJA entre presencial-remoto-retorno presencial, ou seja, precariedade já existente-dificuldades e desafios-intensificação da precariedade, demonstra, na verdade, novos desafios por causa das sequelas, fato esse visível em toda a nossa sociedade com problemas de saúde, visão de mundo mais crítico. Almeida e Sousa (2022),

Os professores da EJA são trabalhadores que possuem uma carga elevada de trabalho, aumentando consideravelmente durante as aulas remotas, significaram um desafio tecnológico e metodológico de abordagem de conteúdo, e o isolamento social provocou problemas de saúde, que atualmente com o retorno das aulas presenciais essas sequelas demonstram serem irreversíveis.

A Lei 14.021 de 2020, resultado de divergências entre governo federal e tanto órgãos de proteção aos povos tradicionais como as próprias comunidades indígenas e quilombola, Alves (2022) reporta bem essa situação quando afirma que:

Também evidenciou fraturas sociais e desigualdades aprofundadas pelo desmonte neoliberal das políticas públicas, tendo, entre muitos efeitos, a fragilização da capacidade de os serviços de saúde responderem à crise em virtude de problemas históricos como o subfinanciamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a consequente precarização da estrutura e da organização desses serviços. Com reflexos na proteção social, esse contexto descortina a incapacidade de as transferências monetárias, por si sós, produzirem alguma proteção, contribuindo para a agudização das condições de vida dos grupos já vulnerabilizados pela conjuntura socioeconômica (p. 2).

A lei referida não foi capaz de proteger as populações tradicionais como aparentemente se propunha com suas medidas de proteção de prevenção contra o contágio do vírus, mas sim o início da vacinação em todo o país, que começou em 17 de janeiro de 2021, de acordo com a Fiocruz (2023), que ao vacinar os grupos prioritários, dentre eles as populações tradicionais e posteriormente os profissionais da educação, o quadro de contaminação começou a ser controlado. Podemos inclusive observar nos gráficos das Figuras 1 e 2.

Depois de quase um mês após o início da vacinação em todo o país, o Governo do Estado da Paraíba estabelece um plano de retorno gradual das aulas presenciais em todo o território estadual, de acordo com o Decreto nº 41.010 de 07 de fevereiro de 2021, publicado no Diário Oficial do Estado da Paraíba, divididas em 4 fases, prevista para começar a primeira fase em março de 2021, e assim continuar essa retomada gradual ao longo do ano referido, com o retorno presencial 100% em 2022, mas ainda seguindo os protocolos sanitários de prevenção de contaminação.

De acordo com a Portaria GM/MS Nº 913, de 22 de abril de 2022 põe fim da emergência sanitária nacional, posteriormente a Organização Mundial da Saúde (OMS) põe fim da emergência pública sanitária internacional para covid-19 em maio de 2023, O fim da emergência em saúde pública por conta da Covid-19, segundo o Governo Federal e a OMS, não conseguiram assegurar que a sociedade, e especificamente os professores e quilombolas que estão na EJA, sujeitos desta pesquisa, não herdassem sequelas, pois mesmo com esse fim emergencial não foi o suficiente para garantir que esses sujeitos continuem suas vidas e dinâmicas próprias sem prejuízos a saúde e sem transformações acerca das visões de mundo, de sociedade, de ser humano, de educação.

A rede municipal de ensino de João Pessoa seguiu as determinações do Decreto já mencionado, e a escola municipal de nosso estudo de caso não foi diferente, entretanto, mesmo com os problemas que foram agravados pela pandemia, como a evasão escolar, não foi capaz de subtrair a vontade, o desejo, a necessidade pelo fortalecimento da pauta quilombola, professores e estudantes, mesmo com as condições de implicações provenientes de um momento caótico, mas a identidade quilombola continua marca dessa escola como pretendemos apresentar a seguir.

3.2 A EQMEFASSM: Um retrato atual das condições encontrada dos estudantes da EJA:

A Escola Quilombola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado, localizada na zona sul da cidade de João Pessoa-PB, no bairro Paratibe, possui uma longa história de pertencimento da formação dos habitantes que auto se consideram descendentes quilombolas do lugar.

Segundo Cavalcante (2013), a origem se dá como a primeira professora dos moradores de Paratibe desde 1950 e fundadora da escola que funcionava em seu sítio chamado de Escola de Dona Antônia, que funcionava de maneira rústica, seu nome era

Antônia Socorro da Silva Machado, natural de Paratibe, nascida em 1930. Dotada de muitas terras, uma parte de seu patrimônio ela doou à Prefeitura Municipal de João Pessoa para a construção de sua escola em 1972 com o nome de Escola Municipal José Peregrino de Carvalho e que ficou como diretora até 1990. Em 1992 veio a falecer, alterando o nome da escola para o seu em sua homenagem, se chamando de Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado.

Atualmente devida as pesquisas e ao fortalecimento da identidade quilombola, a escola passou a ser Escola Quilombola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado (EQMEFPASSM), resultado de todo um processo de contração dessa identidade e de luta contra o racismo, de maneira que gestão sob a direção da professora Jandira Pontes, professores, estudantes e comunidades sob a liderança de Joseane Santos, buscam se envolver nas atividades que tratam as DCNEEQ.

Nosso primeiro contato com a turma de EJA, no final de setembro e se estendendo até o início de novembro, percebemos uma realidade permeada de sequelas da Covid-19 entre os sujeitos pesquisados pertencentes a escola, mas também a vontade de seguir em frente com a dinâmica escolar de sua escola quilombola no fortalecimento da sua identidade étnico-racial. Para nossa surpresa, que foi positiva, os sujeitos pesquisados (professores e estudantes), mesmo com as sequelas da Covid-19 que modificou até certo ponto a dinâmica da EJA, continuam firme e forte no enraizamento da identidade quilombola por meio de sua educação específica para o seu grupo étnico-cultural, a educação quilombola.

As fotos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 mostram um pouco da escola, procuramos evitar realizar fotografias com pessoas, é com esse pequeno acervo de fotos que buscamos mostra alguns dos seus ambientes, como o lado frontal da escola, o hall de entrada, o mural do seu interior, informações sobre cuidado preventivo contra contaminação pela Covid-19, mostra como a identidade quilombola é fortemente presente, resistindo as adversidades dos últimos anos.



Foto 1) Panorama da frente da escola. 28/09/2023



Foto 2) Panorama do busto da professora Antônia Socorro da Silva Machado, primeira professora, diretora quilombola de Paratibe e proprietária do terreno doado à prefeitura municipal de João Pessoa e nome da escola atualmente. 28/09/2023



Foto 3) Panorama do hall da escola que dá acesso as salas de aulas. 28/09/2023



Foto 4) Mural no interior da escola homenageando a primeira diretora e professora quilombola de Paratibe. 10/10/2023.



Foto 5) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil. 10/10/2023.

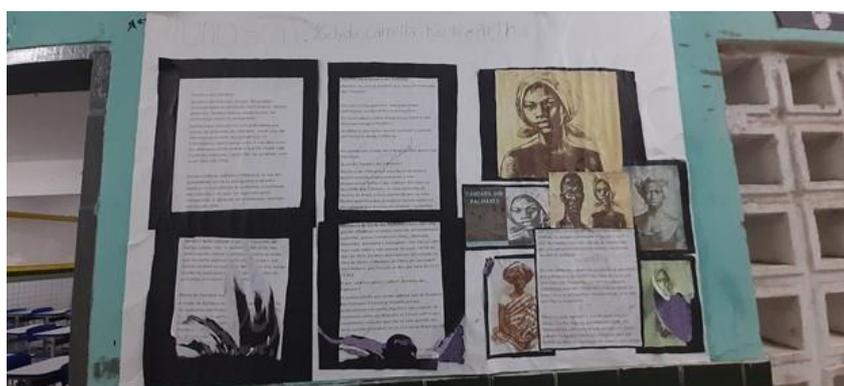


Foto 6) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil. 10/10/2023.

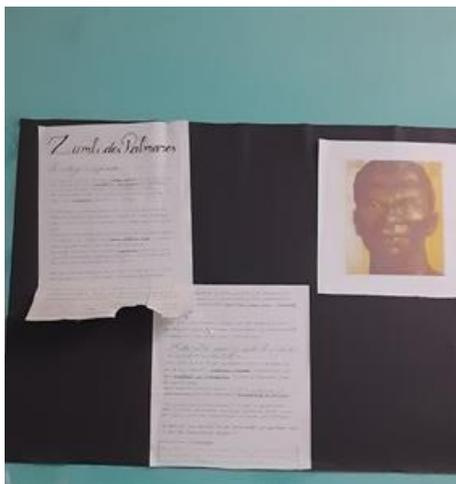


Foto 7) Mural de trabalhos escolares sobre personagens negras da história do Brasil. 10/10/2023.



Foto 8) Cartaz de orientação para a prevenção de evitar contaminação pela Covid-19 ao lado do banheiro masculino. 27/10/2023



Foto 9) Suporte de álcool em gel no hall de entrada a fim que todos que adentrem no interior da escola façam uso da assepsia nas mãos. 27/10/2023

A escola está passando por reformas, não conseguimos documentar esse ambiente, mas continua com as mesmas salas de aula, cantina, direção. A receptividade como sempre foi positiva, humana, acolhedora com os pesquisadores. Atualmente são 50 estudantes matriculados na EJA e 30 frequentando os ciclos I, II, III e IV, sendo os dois primeiros ciclos constituídos de estudantes mais velhos, pois há alguns atritos geracionais entre os estudantes.

Em conversas informais com alguns estudantes e professores, relataram que sentiam falta das aulas presenciais, da sala de aula, de interagir com outras pessoas, mas também relataram que retornaram com agravos de saúde física ou mental, saudades de pessoas que faleceram durante a pandemia, seja por Covid-19 e/ou suas complicações ou por outro problema, pois não tiveram como se despedir de pessoas queridas. Essas conversas permitiram compreender melhor os enfrentamentos já existentes acerca da busca pela retomada da humanização, bem com situações de agravos a saúde e a nova fase em que a sociedade está diante com o fim da emergência sanitária. Todas as pessoas com quem falamos, sem exceção, ficaram com algum tipo de sequela, com algum tipo de história para contar, com alguma perda que muitas vezes não puderam se despedir, com alguma dor física e/ou mental, com algo que foi deixado naquele momento, com a sensação de que algo ficou para trás.

É com o retorno das aulas presenciais que representou uma luz de sobrevivência depois de um dos momentos mais difíceis e triste na vida dessas pessoas e de toda a sociedade brasileira. O retorno das aulas presenciais também representou colocar adiante a pauta do fortalecimento da identidade quilombola e do combate ao racismo, honrar a memória dos que tombaram nesse tempo. O retorno das aulas presenciais não quer dizer que as precariedades existentes durante consolidação enquanto modalidade de ensino foram superadas ou até mesmo que não há mais o perigo de contaminação da doença, e sim de retomar a luta para resgatar a humanidade de volta, já tão solapada pela política negacionista dos últimos anos. Como a EJA será capaz de contribuir para trazer de volta um novo sentido para professores, estudantes, gestão e comunidade?

Ao vivenciar uma parte da dinâmica da realidade da EJA na EQMEFASSM a partir de nosso campo, nossa leitura sobre o que foi vivenciado durante esse tempo, parte de que vislumbramos uma escola ativa e determinada a seguir a agenda curricular e cultural das atividades que agregam os valores tradicionais quilombolas inseridos nos objetivos da Educação de Jovens e Adultos.

Resultado da busca por uma dinâmica da EJA que aponte um caminho de superação dos desafios de retorno das aulas, tivemos acesso a letra de uma música composta por professores e estudantes da EJA denominada de ‘De origem quilombola’, de autoria das professoras da disciplina de Música e Artes Silvana e Nadja, com arranjos do professor José Reinaldo. Essa música procura restabelecer a volta por uma agenda quilombola, em ressignificar ser um quilombola diante dos novos desafios pós-pandemia. Foi autorizado por esses professores a publicar a letra que segue adiante: *“Do quilombo eu vim, do quilombo eu sou, minha história eu conto, sou negro Nagô. Sou negro de Angola, sou negro Nagô, a capoeira eu danço e toco com amor. Minha história de vida, é de luta e de garra, defendendo os negros, do preconceito de cor. Buscando a igualdade de todas as raças, respeitando os negros com muito fervor. Com Zumbi dos Palmares, o negro encontrou, a força de raça, e um quilombo formou. E hoje eu canto que luta é grande, jogar capoeira, Zumbi nos falou. Reviver nossa história e defende-la com amor”*. Essa música representa bem essa retomada de procurar posicionar a EJA como um caminho possível de busca da humanização dos sujeitos e pelas conquistas pedagógicas dos professores.

Percebemos mesmo após o grande desafio que foi de enfrentar a intensificação da precariedade que foi as aulas remotas, seja em conseguir acessar internet de boa qualidade, preparar aulas, conseguir repassar os conteúdos, conseguir ter disposição e tempo para estudar em casa, atualmente com o retorno das aulas presenciais esses professores e estudantes buscam construir uma dinâmica de uma escola quilombola, mesmo com as sequelas de agravamento deixadas pela pandemia, muitas dessas sequelas são de caráter irreversíveis como problemas de saúde física e mental, seja na luta para evitar evasão escolar.

3.3 O reencontro de antigas precariedades com os novos tempos de ressignificação das novas demandas do retorno presencial das aulas:

Essa transição do ensino presencial para o remoto e novamente para o presencial, termina por mudar o sentido de entender a realidade, não é mais a mesma coisa de antes, ou continua a ser o mesmo? Um ensino presencial com modificações estruturais na área da saúde, das memórias, das fragilidades, das sequelas. É no campo da pesquisa que isso se mostra, mesmo que seja uma pesquisa incipiente de um momento recente ainda deste

ano, mas já aponta esse caminho de algo novo com marcas que não podem ser ignoradas, esquecidas, pois são permanentes.

O campo teve início no mês de setembro, com conversas informais, conhecendo professores, estudantes, gestão, enfim, a dinâmica da EJA e sua agenda curricular como já mencionamos anteriormente, entendemos ser mais conveniente realizar um questionário semi-estruturado (dividido em três partes) e disponibilizar, através do grupo de WhatsApp no mês de outubro, em que a Secretária da escola, Joelma, adicionou para todos os vinte (20) professores da EJA que ministram aulas na escola e foi solicitado que respondessem ao questionário, mas apenas duas (2) professoras responderam³, e que acreditamos que seria melhor não identificar, mas analisar as respostas baseado no quantitativo, portanto, para além das conversas com os professores que compõem essa modalidade de ensino, foi apresentado esse questionário, mas mesmo assim não houve uma adesão como pretendíamos, pois, alegaram falta de tempo para responderem. Diante do exposto vimos de tecer uma análise dos dados coletados sem gráficos ou tabelas, pois tínhamos interesse em realizar uma explicação a partir dessa metodologia, mas a baixa adesão fez com que mudássemos de forma de análise.

Com base nas respostas coletadas, nossa análise parte de um olhar geral sobre o tempo que leciona na escola, na EJA, o contato com a educação quilombola e a experiência com as aulas remotas, mesmo as professoras não sendo quilombolas⁴, mas vêm construindo junto à comunidade quilombola uma agenda étnica própria do grupo. Professoras há mais de 20 anos cada, leciona a 8 anos na escola e 7 anos na EJA, sendo uma com formação em Pedagogia e outra em Letras Português. As professoras possuem curso de formação em educação quilombola, elas buscam criar um engajamento com a pauta de empoderamento da identidade quilombola a partir de seus componentes curriculares de forma interdisciplinar. É dentro do contexto de formação inicial e continuada que essas professoras desenvolvem suas atividades, com sua ‘formação quilombola’ (professora X) e ‘engajamento com a educação quilombola’ (professora Y),

³ Chamaremos essas professoras de X e Y, já que apenas elas duas em universo de 20 professores que poderiam ter respondido ao questionário.

⁴ A Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escola Quilombola (DCNEEQ), assegura a preferência para professores nativos da própria comunidade quilombola, mas na ausência dessa condição, o professor pode assumir a responsabilidade de lecionar a disciplina de sua formação, bem como será cobrado a formação inicial e continuada para continuar ministrando conteúdos que tratem das demandas quilombolas.

respostas delas que dialogam com o que preconiza as DCNEEQ (2012) como segue abaixo:

A formação de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola deverá ainda desencadear outra ação dos poderes públicos federal, estadual e municipal: a inserção da realidade quilombola no material didático e de apoio pedagógico existente e produzido para docentes da Educação Básica nas suas diferentes etapas e modalidades. (P. 51)

Também foi destacado que as respostas apontam dificuldades quanto as aulas remotas, em planejar, executar, conseguir tempo para outras atividades pessoais, como menciona a professora X ‘no começo foi bastante difícil, mas consegui me adaptar’, mas essa condição de se adaptar a algo ‘bastante difícil’ sem ter curso de aulas remotas, mesmo na condição de professora da rede municipal de ensino, hoje, com o fim da emergência sanitária com o retorno das aulas presenciais, ficou alguma sequela que só futuramente será apresentada? Questões essas que ainda a professora não sabe responder, mas teme que implique problemas futuros.

O segundo momento do questionário se baseia em dados relacionados a Covid19, se foi vacinado, se foi contaminado, relatar a experiência do isolamento social, a dinâmica das aulas remotas. Nesse momento do questionário as professoras responderam que embora tenham a vacinação de Covid-19 atualizadas, mas se contaminaram duas vezes as duas professoras, de assintomáticas a sintomas leves, quando contaminadas, não trabalharam tanto nas aulas remotas quanto nas aulas presenciais. Já sobre a experiência na época das aulas remotas, foi algo ‘bastante desafiador’ (professora X) ou mesmo ‘enfadonha’ (professora Y), isso se deve às condições de precarização dos recursos tecnológicos, seja por meio na falta de tecnologias, em si, com internet de boa qualidade, seja por meio de analfabetismo tecnológico, ambas as situações oriundas dos estudantes, causando transtornos e preocupações em ministrar as aulas remotas de maneira que fossem a contento, somando a esse desafio, o isolamento contribuiu em demasia para a ansiedade e outras doenças mentais, procurando se conformar mais depois do início da vacinação, segundo a professora X, já a professora Y foi ‘dentro do limite’, conseguiu não adoecer durante as aulas remotas, mas reconheceu a falta de ver pessoas, a dinâmica do contato da vida presencial, pois preferia ‘o calor humano’.

Vimos aqui duas situações distintas em alguns pontos, sobre o adoecimento e a maneira de encarar as aulas remotas e o isolamento social que se diferem, e sobre os

cuidados com a vacinação ou os desafios em ministrar suas aulas diante de complicações de disponibilidade e alfabetização tecnológica que se convergem.

Já o último e terceiro momento do questionário foca o retorno das aulas presenciais, o que mudou, como foi continuar a agenda quilombola, as sequelas deixadas. Sobre o retorno das aulas, as duas professoras destacaram o ‘engajamento’ (professora X) e a ‘motivação’ (professora Y) tanto dos professores quanto dos estudantes, e que ‘A agenda quilombola na EJA aos poucos tem retornado’ (professora X), embora chegue com ‘empecilhos que possivelmente interferem em dinâmicas mais efetivas com esta modalidade’ (professora X) ou com ‘dificuldade de adaptação’ (professora Y), mas essa modalidade procura corresponder as demandas dessa agenda étnica específica da comunidade. Quanto aos novos enfrentamentos que a dinâmica da EJA está atravessando, se dá com ‘com questões de logística da Escola como um todo, pois lidamos com um quadro de especialistas muito reduzido que deixa a EJA desassistida. Com o fim da emergência sanitária restou a experiência deste tempo sombrio e o medo de enfrentar situações semelhantes’ (professora X). Somado a essa observação pela professora X, uma outra observação também se faz pertinente quando afirma que ‘a Covid deixou sequelas em todos, principalmente na questão da memória; superei as sequelas’ (professora Y). Aqui a professora Y nos revela uma informação importante, a superação, algo que nem todos ainda conseguiram, como a professora X deixou claro, que ainda é uma pessoa ansiosa por causa do isolamento social, e também com conversas com outros professores e estudantes que foram trabalhadas anteriormente, mas a visão de mundo foi ressignificada.

Com a finalização da análise da coleta de dados, mesmo apenas com duas (2) professoras, mas foi apresentado algo de grande proveito para nossa discussão, experiências diferentes de encarar os enfrentamentos que a EJA daqui por diante terá que superar a fim de atender demandas da educação quilombola, condições de precariedade que não foram superadas, mas sim intensificadas no cotidiano de professores e estudantes com agravos de saúde e com um olhar sobre o mundo de forma ressignificado.

4 Algumas considerações a serem tratadas:

Esta pesquisa buscou, mesmo que de maneira incipiente, provocar futuros estudos que ampliem, aprofundem, provoquem novas pesquisas que estejam comprometidas com a Educação de Jovens e Adultos, com a educação quilombola, com o oprimido que sofreu um processo intensificação na precarização já existente atravessando tempos de uma política negacionista.

O campo da educação foi um dos segmentos da sociedade brasileira mais afetado, a sua precarização não foi apenas evidenciada, mas intensificada, ocasionado sequelas, muitas vezes irreversíveis, mesmo com os dispositivos legais, não houver efeitos práticos em proteger esses sujeitos. Necessidade de continuar o debate sobre o tema, ampliando e aprofundando a discussão.

Embora seja uma pequena fração do espaço que pretendíamos trabalhar, porém dialoga bem com nossos objetivos e problemática posta em questão, fazendo com que mesmo de forma incipiente, esta pesquisa corresponda não apenas com o debate acadêmico, mas também apresentar um pouco da realidade vivenciada durante esse tempo no estudo de caso.

Identificamos que com o retorno das aulas presenciais, não aconteceu a normalidade das coisas, mas sim a contínua luta para que a dinâmica da EJA possa conduzir a busca pela humanização dos sujeitos coisificados, pela superação dos novos enfrentamentos que professores terão que trilhar, de como ser ressignificado para os futuros estudantes quilombolas da EJA, pois conflitos geracionais e evasão escolar é ainda algo forte.

A vida coletiva é uma vida permeada de tensionamentos, o retorno das aulas presenciais novamente mostrou isso. Entre o tensionamento da vida presencial e as sequelas do isolamento social, há algo que precisamos discutir, pois as contradições de uma sociedade capitalista como a nossa sempre vai haver implicações e complicações independentes do percurso que vamos traçar.

Vimos que há pessoas que mesmo superadas as sequelas, mas sabe que algo mudou, e mudou para sempre, e que toda uma dinâmica pode simplesmente ser alterada sem aviso prévio. A pesquisa de campo mostrou que, seja de forma informal ou por meio de questionário, sentir o coletivo vale mais a pena do que qualquer tipo de isolamento,

mesmo com atritos dentro da escola, mas algo maior surge, o objetivo em comum que é de fortalecer a pauta quilombola, a EJA se torna elemento crucial para isso se tornar viável, e os professores detém a condição para junto com os estudantes, construir uma dinâmica que busque superar as sequelas impostas pela pandemia.

É tempo de superar, é tempo reaprender, é tempo de buscar no futuro o seu ser humano que não morreu de Covid-19.

Referência bibliografia:

ALMEIDA, Luziane Fernandes Lima de. SOUZA, João Batista Alves de. **As dificuldades na educação de jovens e adultos (EJA) durante a pandemia de covid19:** adversidades do ensino remoto. EJA em Debate. / Ano 11. N. 20, jul-dez. 2022.

ALVES, Hayda; SOARES, Maria Raimunda Penha; COSTA, Rute Ramos da Silva; et al. **Territórios rurais contra a Covid-19:** saberes, fazeres e reflexões por meio da Educação Popular em Saúde. Interface, comunicação, saúde, educação (Botucatu). 2022;

CAVALCANTE, Ygor Yuri de Luna. **O ensino de geografia na educação quilombola:** experiência na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado - Comunidade Negra Paratibe, PB / Ygor Yuri de Luna Cavalcante.-- João Pessoa, 2013.

JORGE, Leilane Santos. **Educação Escola Quilombola:** Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Quilombola de Gavião. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico] / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 8. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986/2012.

MARQUEZ, Nakita Ani Guckert, GODOY, Dalva Maria Alves. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos:** em movimento e disputa. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 19, n. 2, p. 25-42, maio-ago. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica:** biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte / Achille Mbembe; traduzido por Renata Santini. – São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDONÇA DELUNCAS, Daniela. **Leitura do mundo e da palavra:** desafios e possibilidades da EJA no contexto da pandemia por Covid-19 / Daniela Mendonça Deluncas. – 2021. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Educação Básica e Formação de Professores do Centro de Ciências Exatas Naturais e da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, Porto Alegre, 2021.

NÓVOA, António, ALVIM, Yara Cristina. **Os professores depois da pandemia,** - Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, 2021.

SAVIANI, Demerval. **Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil:** abordagem histórica e situação atual. Edu. Soc., Campinas. V. 34. N. 124. P. 743-760. Jun-set. 2013. Disponível em: www.cedes.unicamp.br.

SCHERER, Susana Schneid. Et al. **Educação de jovens e adultos (EJA):** proposta é realidade pós-pandêmica. Revista Educere et Educare. Vol. 18. N.45. Educere2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- . **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico] / Antônio Joaquim Severino. -- 1. ed. -- São Paulo : Cortez, 2013.

SILVA, Aline Cavalcante e. **Impactos da Covid-19 na gestão da educação na Paraíba:** um estudo de casos em escolas públicas. Aline Cavalcante e Silva. – João Pessoa-PB, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** [recurso eletrônico] — Brasília : Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2023.

_____. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** 11/2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf. Acesso em: 28/10/2023.

_____. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional LDB.** – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

_____. **LEI Nº 14.021, DE 7 DE JULHO DE 2020.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/114021.htm#:~:text=1%C2%BA%20desta%20Lei%2C%20fica%20institu%C3%ADda,da%20pandemia%20da%20Covid%2D19. Acesso em 11/08/2023.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (MEC/SECADI), Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB) e Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** 16/2012. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf. Acesso em: 28/10/2023.

_____. **Portaria GM/MS Nº 913,** Diário Oficial da União (DOU) Ano CLX Nº 75-E Seção-1 Brasília - DF, sexta-feira, 22 de abril de 2022.

_____. **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 2, DE 5 DE AGOSTO DE 2021.**

PARAÍBA. **DECRETO Nº 41.010,** Diário Oficial do Estado da Paraíba, de 07 de fevereiro de 2021.

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA E AÇÃO

COMUNITÁRIA (CENPEC). **Em busca de saídas para a crise das políticas públicas de EJA.** Relatório coordenado pelo Cenpec em parceria com a Ação Educativa e o Instituto Paulo Freire, e encomendado pelo Movimento Pela Base. Setembro de 2022.

Casos atualizado de Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28/10/2023.

Declaração sobre a decima quinta reunião do Comitê de Emergência do RSI (2005) sobre a pandemia de Covid-19. Disponível em: [https://www.who.int/news/item/05-052023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-\(2005\)emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-\(covid-19\)-pandemic](https://www.who.int/news/item/05-052023-statement-on-the-fifteenth-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)emergency-committee-regarding-the-coronavirus-disease-(covid-19)-pandemic). Acesso em: 01/10/2023.

Mortes por covid no mundo. Disponível : <https://ourworldindata.org/covid-deaths>. Acesso em: 28/10/2023.

FIOCRUZ. Vacinação contra a Covid-19 no Brasil completa um ano. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contra-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 28/10/2023.

Apêndice

UFPB TCC DE PEDAGOGIA

Questionário referente a pesquisa de monografia intitulada de 'Educação de jovens e adultos em uma escola quilombola: um estudo pós-pandêmico sobre os desafios decorrentes da Covid-19', sob orientação do Prof. Dr. Luciano de Sousa Silva que busca discutir sobre as sequelas da pós-pandemia pela Covid-19 na saúde e na vida dos profissionais da educação da EJA em escola quilombola a partir de um estudo de caso na Escola Quilombola Municipal de Ensino Fundamental Professora Antônia Socorro da Silva Machado, na Comunidade Negra Paratibe. É de extrema importância a participação dos docentes, contamos com vossa colaboração e desde já agradecemos.

Ygor Yuri de Luna Cavalcante yurideluna42@gmail.com
Estudante de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia

Dados gerais:

1.Sexo M () F()/ idade ()

1.1 Quanto tempo que é professor?

1.2 Leciona na EQMEFPASSM desde quando?

1.3 Qual a sua formação? Qual disciplina leciona?

1.4 Desde quando leciona na EJA? Fale sobre sua experiência em uma escola.

1.5 Fale sobre a relação com os estudantes da EJA

1.6 Você tem algum tipo de engajamento com a educação quilombola? Comente seu engajamento.

1.7 Teve algum curso de formação para trabalhar remotamente?

Sobre a Covid-19:

2.É vacinado? Se sim quantas vezes se vacinou?

2.1Já pegou covid? Como foi essa experiência?

2.2Trabalhou quando estava contaminado?

2.3Como foi trabalhar com aulas remotas para a EJA? Conte sua experiência

2.4Como foi a dinâmica do dia-a-dia do isolamento social, das aulas remotas?

2.5Adoeceu (físico e/ou mental) por causa da dinâmica do trabalho remoto?

2.6A dinâmica do trabalho foi excessiva ou foi dentro do seu limite?

Retorno das aulas presenciais:

3.Com o retorno gradual das aulas presenciais, melhorou algo na dinâmica das aulas da EJA? O que melhorou?

3.1Como está sendo dar continuidade na agenda quilombola ao currículo escolar após o retorno das aulas presenciais?

3.2Com o retorno das aulas presenciais e com o fim da emergência sanitária pela Covid-19, o que mudou na sua vida? Como pensa o mundo agora?

3.3Ficou com sequelas da dinâmica do trabalho? Quais sequelas? Superou?

3.4As sequelas herdadas, serão superadas ou serão irreversíveis?